

## **FORTALECENDO VÍNCULOS ENTRE PAIS, FILHOS E ESCOLA DA APAE: Um caminho para inclusão e desenvolvimento**

### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo relatar a experiência do desenvolvimento de um grupo informativo e terapêutico, caracterizado por encontros direcionados a pais e responsáveis de crianças frequentantes do programa de estimulação precoce oferecido pela APAE de Ponte Serrada/SC. Sob a pretensão de fortalecer os vínculos entre família, escola e alunos, durante os encontros foram abordados temas essenciais como a importância do cuidado com a saúde mental dos responsáveis, o impacto do bem-estar familiar no desenvolvimento infantil e a construção de uma rede de apoio para enfrentar desafios cotidianos. A troca de experiências entre os participantes permitiu uma maior compreensão das dificuldades enfrentadas pelas famílias, evidenciando a necessidade de suporte contínuo e espaços de escuta acolhedora. Observou-se que muitos pais vivenciam suas demandas de forma solitária, o que reforça a relevância de ações que promovam o diálogo, o pertencimento e a empatia dentro da instituição. Os resultados demonstraram que a aproximação entre a escola e família fortalece a confiança mútua, melhora o envolvimento parental no processo educativo e contribui para um ambiente mais seguro e favorável ao desenvolvimento da criança. Conclui-se que a continuidade desses encontros é fundamental para manter o apoio às famílias e consolidar uma parceria efetiva, garantindo um suporte integral ao crescimento e aprendizado das crianças.

**Palavras-chave:** APAE, Fortalecimento de Vínculos, Inclusão, Rede de Apoio, Saúde Mental.

### **1 Introdução**

O artigo a seguir busca relatar a experiência do desenvolvimento de um grupo informativo/terapêutico envolvendo pais e responsáveis por crianças de 0 a 5 anos, 11 meses e 29 dias que frequentam o programa de estimulação precoce oferecido pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Ponte Serrada, pertencente a região oeste de Santa Catarina.

A estimulação precoce nas APAEs é um espaço muito importante para o desenvolvimento das crianças com deficiência ou necessidades especiais. Ela funciona como um programa de acompanhamento e estímulo, onde profissionais especializados, como terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos, trabalham juntos com as crianças para promover seu desenvolvimento integral.

Segundo o Ministério da Educação e a legislação brasileira, a estimulação precoce tem como objetivo promover o desenvolvimento global da criança, especialmente nas áreas de motricidade, linguagem, socialização e cognição, por meio de atividades específicas e individualizadas (BRASIL, 2010).

Nessa turma, as atividades são planejadas de acordo com as necessidades de cada criança, focando em estimular suas habilidades e potencialidades. Além disso, a turma também oferece um espaço de convivência e troca de experiências para as famílias, que podem aprender técnicas e receber orientações para continuar estimulando seus filhos em casa.

Sabe-se da importância dos processos grupais no desenvolvimento e potencialização das relações interpessoais. Tratando-se de família, essas relações precisam de maior atenção e investimento por parte da equipe multiprofissional, visto que a tríade família, alunos e escola requer uma interação harmoniosa e articulada para se tornar eficaz. Reiteramos que uma das missões da escola, ou melhor, da instituição que oferece atendimento educacional e clínico especializado, é a participação de forma ativa no local e para além dos espaços fisicamente delimitados, buscando desenvolver ações que possibilitem a psicoeducação, troca de experiências, além de melhorar a qualidade de atendimentos dos profissionais da instituição, e de vida de todos os participantes envolvidos.

Considerada uma organização social que objetiva proporcionar atenção às pessoas com deficiência, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) visa oferecer atendimentos especializados nas áreas de saúde, educação e assistência social de forma gratuita em todos os seus ciclos de vida, tendo como principais objetivos articular e promover ações como orientações, defesa de direitos, prestação de serviços, suporte a rede de apoio dos usuários, com as pretensões de melhorar a qualidade de vida dos mesmos e colaborar para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e humanitária. (APAE BRASIL, 2019).

No que se refere ao suporte a rede apoio dos usuários, destaca-se o suporte familiar, visto que este desenvolve um papel fundamental no bem-estar, desenvolvimento e inclusão social da pessoa com deficiência. A família não somente desenvolve os cuidados diários, mas também contribui diretamente na autonomia e qualidade de vida destes indivíduos. Sendo assim, a criação de espaços que proporcionem a troca de experiências entre os cuidadores, bem como o fortalecimento dos vínculos familiares torna-se essencial.

Segundo Chiaradia e Barbosa (2018), é de suma importância trabalhar com grupos de pais, uma vez que isso possibilita compreender os processos pelos quais os mesmos enfrentam, incluindo os ajustes e desafios diários. Além disso, é essencial iniciar a reconstrução dos sentimentos após a perda do filho idealizado, promovendo a aceitação da deficiência e a busca pelos direitos e desenvolvimento da criança. Essas ações podem contribuir para a autonomia e superação não apenas do filho com deficiência, mas de toda a família. Desta forma, desenvolver grupos de pais/cuidadores nas APAES poderá ser uma importante ferramenta de fortalecimento dos vínculos entre família, alunos e profissionais, de promoção de acolhimento, troca de experiências e participação ativa no desenvolvimento e inclusão social das pessoas com deficiência, com vistas a consolidar a parceria com os profissionais e garantir um acompanhamento mais eficaz, solidário e engajado aos alunos e família, trazendo conseqüentemente benefícios no âmbito social.

## **2 Objetivo Geral:**

- Proporcionar um espaço de acolhimento, apoio mútuo e troca de experiências entre os pais, cuidadores e a equipe multiprofissional.

### **2.1 Objetivos Específicos:**

- Promover o fortalecimento dos vínculos familiares, desenvolvendo estratégias de comunicação e cooperação.
- Possibilitar um espaço de discussão sobre a importância do autocuidado, o manejo do estresse e a expressão das emoções.
- Orientar os pais sobre a importância da estimulação adequada, da interação social, comunicação, educação inclusiva e dos recursos disponíveis para o desenvolvimento dos filhos.

### **2.2 Justificativa**

Torna-se importante o desenvolvimento de grupos informativos e terapêuticos com pais e responsáveis, pois vinha sendo percebida uma lacuna na instituição: ausência de intervenções envolvendo diretamente os familiares dos usuários, pessoas importantes no processo de inclusão e autonomia dos mesmos, sendo agentes que também requerem atenção. Ao buscar envolver a família neste processo, não somente fortalece o vínculo familiar, mas também possibilita o crescimento de uma rede de apoio mais eficaz. Além disso, o desenvolvimento de um grupo possibilita a construção de um espaço para que os

familiares obtenham informações relevantes sobre como melhor apoiar seu filhos, tenham suporte emocional, compartilhem suas vivências e construam juntos uma identidade de pertencimento, visto que já vem encontrando dificuldades e barreiras que acabam por prejudicar o desenvolvimento integral e a inclusão social dos usuários envolvidos no meio em que vivem, o que pode ocasionar conseqüentemente, possíveis prejuízos na saúde mental daqueles que cuidam.

### **3 Desenvolvimento**

Segundo Salaberry (2007), a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) trata-se de uma organização social estruturada sob concepções transformadoras e inclusivas, possibilitando tecnicamente e instrumentalmente a Pessoa com Deficiência um melhor preparo para a vida em Sociedade, bem como sensibilizar as pessoas a diminuir preconceitos e aumentar a consciência de reconhecer seus deveres e assegurar o respeito/direitos a todos os cidadãos.

A fundação das APAEs no contexto nacional surgiu por meio do “Movimento Apaeano” na década de 50, originado pela iniciativa de um casal norte americano - Beatrice e George Bemis, cuja iniciativa decorreu da necessidade de um serviço que pudesse abranger as pessoas com deficiência intelectual, visto que os mesmos fizeram parte das famílias que precisavam deste suporte pouco desenvolvido na época, onde as instituições de ensino privado e público acabavam por excluir as pessoas dos processos de ensino e aprendizagem oferecidos no âmbito escolar. (APAEES, 2019, p. 05).

Para Junior, Ferreira e Hansen (2016, p. 159) a mobilização das famílias dedicadas em buscar ajuda nos meios sociais, possibilitou a participação de profissionais de diversas áreas, que acabaram por contribuir em pesquisas, estudos e na constante busca de informações que potencializem uma melhor contribuição aos ideais, bem como à luta pelas pessoas julgadas socialmente como incapazes.

Essa luta tem sido vivida por décadas. Definidas como instituições de assistência social que proporcionam serviços nas áreas de saúde, educação e assistência social, as APAEs operavam por meio de um serviço especializado para que pessoas com deficiência intelectual bem como seus familiares tenham uma melhor qualidade de vida, independente da faixa etária ou de classe social. (APAE BRASIL, 2004).

Desde sua fundação, as Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs) têm desempenhado um papel fundamental na promoção da inclusão social de pessoas com deficiência no Brasil. Esse movimento pioneiro contribuiu significativamente para a

construção de uma sociedade mais justa e solidária, ao articular ações de defesa de direitos e prestação de serviços voltados à melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência. A relevância social dessas iniciativas é destacada por Sousa et al. (2023), que enfatizam a importância da atuação das APAEs na concretização de políticas públicas inclusivas e no fortalecimento dos vínculos entre escola, família e comunidade.

Ao se pensar em fortalecimento de vínculos, tornou-se essencial refletir sobre como este poderá se desenvolver em uma instituição. Pois de acordo com Bleger (1984) e Pichon-Rivière (2009), a vivência grupal é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de vínculos afetivos e operacionais, sendo indispensável para a constituição da identidade individual e coletiva dentro das organizações.

Ainda para Pichon-Rivière (2009), o desenvolvimento de grupos em uma instituição promoveu um senso de pertencimento, coesão e fortalecimento dos vínculos entre seus membros. Por meio dos encontros regulares, os participantes compartilhavam vivências, valores e objetivos comuns, o que contribuiu para a criação de uma cultura interna baseada na confiança, acolhimento e apoio mútuo. Essa identidade grupal tem favorecido não apenas a troca de experiências, mas também a corresponsabilidade nas ações e no cuidado com o outro, elementos fundamentais para a consolidação de um ambiente institucional mais colaborativo e humanizado. Além disso, grupos bem estruturados têm possibilitado o reconhecimento das individualidades dentro de um coletivo, permitindo que cada sujeito se sinta valorizado e parte ativa no processo institucional.

Partindo desses pressupostos da importância do coletivo e dos processos grupais, foi desenvolvida de forma gradativa no país a implementação de grupos informativos e terapêuticos nas APAES, onde buscou-se refletir uma abordagem multidisciplinar direcionada para o desenvolvimento integral da pessoa com deficiência, bem como uma rede de apoio aos seus familiares. De acordo com Marx, Fregonesi e Oliveira (2023), estes grupos possibilitam a promoção de habilidades cognitivas, sociais e emocionais de todos os indivíduos envolvidos, além de fortalecer a autoestima e inclusão social dos participantes. Perspectiva essa aliada às diretrizes da Política Nacional de Assistência Social, que orienta a oferta de serviços socioassistenciais para pessoas com deficiência e seus familiares.

De acordo com Sousa et AL. (2020), grupos informativos e terapêuticos tornaram-se espaços planejados que buscavam desenvolver nos participantes a construção e o compartilhamento de conhecimentos específicos sobre diversas temáticas, bem como o desenvolvimento de suporte emocional e habilidades de enfrentamento. Para os autores, os atendimentos em grupo são compreendidos como significativamente eficazes pelos

profissionais na promoção da autonomia, altruísmo e socialização, devendo serem adaptados conforme as necessidades e demandas de cada contexto institucional.

Já para Silva et AL (2022), grupos informativos e terapêuticos destinados a pais e responsáveis por crianças com deficiência proporcionavam um espaço para troca de vivências, suporte emocional e aprimoramento de estratégias quanto aos cuidados diários através de reflexões sobre práticas educativas, contribuindo assim, para momentos de acolhimento, melhorias do bem-estar psicológico e conseqüentemente na qualidade de vida.

#### **4 Método**

Buscando fortalecer a rede de apoio entre a família e a instituição e possibilitar um espaço de escuta, acolhimento e orientações, foi pensado no surgimento do grupo “Fortalecendo Vínculos”. Grupo este inicialmente desenvolvido pela estagiária de Psicologia em parceria com a Fisioterapeuta, concomitantemente com as profissionais da Clínica de Atendimento Especializado Cristian Jean Petuco, composta por profissionais da Fisioterapia, Psicologia e Serviço Social, além da participação de profissionais da equipe pedagógica (professoras que atuam diretamente no atendimento da estimulação precoce). Com vistas a atender inicialmente cerca de 30 pais/responsáveis pelos usuários matriculados na instituição, o grupo se caracteriza do tipo aberto, visto que no decorrer do ano são realizados constantes processos de avaliações, sendo frequente realizadas matrículas de novas crianças no programa de estimulação precoce. Ao longo do período estabelecido, foram planejados e promovidos dez encontros mensais, cada um abordando temáticas relevantes para o bem-estar e o engajamento dos familiares no processo de estimulação precoce.

Escolhemos trabalhar especificamente com um grupo de pais de crianças com atrasos no desenvolvimento global e deficiências porque reconhecemos que esses cuidadores estão, muitas vezes, vivenciando o início de um processo delicado e doloroso: o recebimento do diagnóstico de seus filhos. Diferentemente dos pais de pessoas adultas, que já tiveram mais tempo para compreender e se adaptar à deficiência, os pais de crianças pequenas ainda estão elaborando emoções como medo, culpa, incertezas e luto pelas expectativas frustradas. Esses sentimentos, somados às exigências práticas do cuidado cotidiano, tornam essa fase especialmente desafiadora e exigem um suporte mais sensível e direcionado. Ao promover encontros voltados para esse público, foi buscado criar um espaço acolhedor de escuta, trocas e fortalecimento emocional, onde os pais possam se sentir compreendidos, adquirir ferramentas para lidar com as necessidades dos filhos e

fortalecer os vínculos afetivos familiares. A iniciativa também visa fomentar a inclusão, valorizar as potencialidades das crianças e apoiar os pais em sua jornada de cuidado e construção de uma nova perspectiva de desenvolvimento.

A maioria das intervenções grupais foi programada para serem realizadas nas dependências da APAE (Sala da Fisioterapia) e em outros locais que for julgado necessário pela equipe. Os referidos encontros foram ainda organizados a fim de proporcionar um espaço de acolhimento e aprendizado para as famílias, promovendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, incentivando em alguns momentos, a participação ativa no acompanhamento das crianças, bem como o suporte para a saúde mental dos responsáveis envolvidos.

Dentre as temáticas geradoras escolhidas para serem abordadas com o grupo, destacam-se:

A expressão de sentimentos e emoções relacionados com aromaterapia, através de uma roda de conversa voltada à conscientização sobre o autoconhecimento emocional e o uso dessa prática para promover o bem-estar. Outros temas essenciais a serem trabalhados com a família deveriam se referir a saúde mental e autocuidados, onde seria discutido a partir de palestras, sugestões de estratégias para o cuidado emocional de pais e cuidadores.

No decorrer dos encontros destacam-se ainda o momento de oficina culinária para incentivar o empreendedorismo. Atividades de Arteterapia sob a pretensão de propiciar relaxamento e criatividade aos participantes. Sendo ainda, planejado realizar uma roda de conversa sobre os marcos do desenvolvimento infantil, com vistas a auxiliar os pais na compreensão do progresso de seus filhos.

Como forma de fortalecer a identidade visual e promover o engajamento dos participantes, foiconfeccionadas camisetas com a logo do projeto, distribuídas durante os encontros. Além disso, os participantes iriam receber brindes personalizados, como garrafas de água com a marca do projeto, reforçando o cuidado com o bem-estar e incentivo a práticas sustentáveis.

Em alusão ao “Agosto Laranja”, além da caminhada com a confecção de banners e camisetas, foi planejada a discussão sobre a prevenção de deficiências, buscando trazer medidas e cuidados essenciais para a saúde infantil, promover o diálogo sobre a importância da luta pela inclusão, acessibilidade, direitos garantidos e os cuidados realizados no cotidiano.

No mês seguinte, em referência ao “Setembro Amarelo”, seria proporcionada uma reflexão sobre a importância da saúde mental e do suporte emocional, acompanhada por oficina de chás terapêuticos, rodas de conversa a partir de um encontro semiestruturado, envolvendo a apresentação de materiais visuais e técnicas de dinâmicas que possibilitassem ao grupo reflexões acerca dos cuidados com a saúde mental.

A respeito do encerramento das intervenções, esta se daria através de palestra motivacional buscando incentivar os participantes a continuarem investindo no bem-estar e no fortalecimento dos vínculos familiares, seguida de oficina prática de yoga, onde a responsável pela facilitação desse momento seria uma das mães que possui experiência na área. Por fim, foi considerado ainda, importante promover um encontro denominado “Especial de Natal”, buscando reforçar os laços afetivos no desenvolvimento infantil entre família, alunos e a equipe, momento este que contaria com a distribuição de cestas natalinas.

## **5 Resultados e Discussões**

A proposta dos encontros relatados acima foi executada com bom progresso. No decorrer do processo foi percebida a dificuldade de proporcionar um ambiente com predomínio tranquilo em termos de sonoridade e relaxamento. Mesmo sendo realizadas orientações de que os encontros planejados seriam direcionados aos familiares e responsáveis pelos usuários atendidos, os mesmos trouxeram crianças que acabavam apresentando comportamentos de agitação e desatenção pela quantidade de estímulos visuais na sala, o que acabava prejudicando umas das finalidades dos encontros: o de ser um local de viés terapêutico. Contudo, nos encontros posteriores, foi percebida esta conscientização por parte dos familiares, passaram a se reorganizarem quanto a dificuldade mencionada, além do desenvolvimento de estratégias por parte da equipe: planejar momentos de interação para aquelas crianças cujos pais não tinham com quem deixar, sendo necessário combinações entre as profissionais para que algumas pudessem atender as crianças em outro espaço apropriado enquanto outras conseguissem desenvolver o encontro planejado com pais e responsáveis, de modo a deixá-los tranquilos quanto a segurança de seus filhos/crianças cuidadas e disponíveis as reflexões desenvolvidas. Desta forma, percebemos que as dificuldades iniciais passaram a serem superadas, sendo notadas diferenças comportamentais nos participantes, pois se mostraram mais participativos, empáticos, vindo a contribuir significativamente para o projeto.

As percepções desenvolvidas ao longo dos encontros vão de acordo com o que Sousa et al. (2020) referem acerca da natureza dos grupos informativos e terapêuticos

como espaços organizados que beneficiam não apenas a troca de informações e conhecimentos, mas também o apoio emocional e o fortalecimento das habilidades de enfrentamento. Embora tenham ocorridas dificuldades iniciais quanto à organização do espaço físico e à presença de crianças que acabavam por gerar distrações e períodos de estresse, a adaptação das estratégias pelos profissionais e a conscientização dos cuidadores permitiram que o grupo pudesse se reorganizar conforme as demandas surgidas, aumentando a eficácia do grupo, tornando- mais flexível e adequado ao contexto.

Entretanto, com o passar do tempo também foi percebida a necessidade de proporcionar algum espaço que possibilitasse momentos entre cuidadores e as crianças, onde foram planejados encontros em que as mesmas pudessem participar. Sendo então, planejadas ações de festividade, tais como a entrega das cestas de natal e dos ovos de páscoa. Apesar dos desafios logísticos próprios dessas ocasiões, os momentos foram marcados por uma interação positiva e significativa entre todos os envolvidos.

De modo geral, foi percebido uma crescente interação positiva entre os participantes e a equipe. Inicialmente foi percebida a dificuldade de alguns pais em expressarem o que vinham sentindo, onde os mesmos se mostravam mais tímidos e pouco reativos aos estímulos ofertados pela equipe. Mas com o passar do tempo, através da confiança estabelecida com a equipe e das observações realizadas sobre aqueles pais mais acessíveis e comunicativos, foi percebido que aqueles pais inicialmente “mais retraídos” se mostraram mais confortáveis em compartilhar aspectos positivos e negativos sobre suas vidas e a maternidade/paternidade atípicos, onde posteriormente de forma coletiva, ambos permitiram estarem na posição de “vulnerabilidade” e compartilharem com o grupo sobre os sofrimentos psíquicos que vinham passando diante do enfrentamento com os cuidados de seus filhos, as barreiras atitudinais, bem como na difícil tarefa em ter que conciliar emprego, atividades de vida diária em seu ambiente familiar e profissional, desafios nos cuidados e falta de suporte familiar. Torna-se importante relatar que mesmo após os términos oficiais dos encontros, foi percebido que os participantes buscavam estender as conversas para o momento da confraternização e posterior saída do local, foi percebido que muitos pais acabavam se identificando quanto aos desafios, dificuldades e superações vivenciadas, e mesmo após o encerramento oficial das intervenções, estes permaneciam abertos e motivados para o diálogo. Diante destas experiências observadas nos encontros, foi possível perceber que as mesmas dialogam diretamente com as proposições de Pichon-Rivière (2009), ao evidenciar que grupos, quando bem desenvolvidos e estruturados, possibilitam o senso de pertencimento, adesão e corresponsabilidade. Assim como retratado pelo estudioso, no decorrer dos encontros

houve o desenvolvimento gradativo de um espaço de confiança, que inicialmente foi caracterizado pela timidez e pela dificuldade de expressão de alguns cuidadores, mas que gradativamente passou a se configurar como um espaço de acolhimento e ajuda mútua.

Tratando-se ainda dos principais desafios dos primeiros encontros, evidenciou-se a busca em atingir a presença de maior número de participantes, onde a média estimada inicialmente (cerca de 20 participantes) não foi alcançada no primeiro semestre. Em contrapartida, foi buscado desenvolver estratégias que aumentassem a assiduidade dos participantes, sendo identificada a presença por meio de “cartões de fidelidade”, o que foi contribuindo significativamente para aumentar a presença dos pais nos encontros. Foi observada ainda pela profissional da clínica (fisioterapeuta) maior frequência de alguns pais na instituição em outros períodos que não fossem o encontro, vindo a visitar mais o espaço e serem mais participativos durante os atendimentos de suas crianças, o que vai de encontro com as ideias de Miranda e Ribeiro (2018), ao trazerem que profissional da saúde deve estar preparado para desenvolver trabalhos em equipe, reuniões e capacitações com pais e funcionários, buscando a execução de um trabalho efetivo e com qualidade, promovendo ações que respeitem, fortaleçam e priorizem ambientes acolhedores/humanizados.

Durante a realização dos grupos com os pais e responsáveis, observou-se que algumas intervenções tiveram maior impacto e engajamento por parte dos participantes, especialmente aquelas desenvolvidas durante a campanha do “Setembro Amarelo”, sendo percebida uma significativa abertura por parte dos pais para a expressão de seus sentimentos. O momento foi marcado por emoções intensas, em que muitos se comoveram, derramaram lágrimas e, sobretudo, encontraram acolhimento e apoio mútuo, fortalecendo os laços afetivos e a confiança entre o grupo. Já a proposta da prática de Yoga, embora pensada como uma atividade de cuidado e bem-estar, foi notada certa resistência por parte dos pais e responsáveis, que, por diferentes razões, não se permitiram vivenciar a experiência naquele momento, demonstrando comportamentos de receio e vergonha em ter que realizar determinados movimentos ou posturas que buscassem promover o relaxamento, mesmo sendo organizado o ambiente para que ficasse com pouca iluminação, colchonetes afastados de forma ordenada de modo que ficassem confortável para todos os participantes, bem como músicas relaxantes, o que acabou por evidenciar os desafios inerentes ao processo de construção de confiança nos contextos coletivos no que se refere a expressão corporal.

Estes momentos experienciados pelos profissionais confirmam a perspectiva de Silva et al. (2022), de que grupos informativos e terapêuticos, quando bem direcionados, se caracterizam em espaços primordiais para a troca de vivências, que favorecem suporte emocional e desenvolvimento de estratégias para o cuidado e bem-estar. Sabe-se que esse processo difere de grupo para grupo, sendo bastante heterogêneos, pois algumas práticas podem contribuir para maior abertura do vínculo, como no Setembro Amarelo, enquanto outras encontram maior resistência (como a Yoga), o que retrata tanto os desafios quanto as potencialidades de se consolidar um espaço que seja terapêutico e coletivo ao mesmo tempo.

## **6 Considerações Finais**

As ações desenvolvidas ao longo dos dez encontros com os pais das turmas de estimulação precoce atingiram os objetivos propostos, sendo possível observar de forma gradativa a construção de um espaço de acolhimento, apoio mútuo e troca de experiências entre os pais, cuidadores e a equipe multiprofissional. A criação de uma identidade grupal, evidenciada pela confecção de camisetas e banners, não apenas simbolizou a união entre os participantes, mas também incentivou o engajamento nas atividades propostas, como ações sociais e momentos coletivos. Esse movimento colaborativo gerou maior proximidade entre os pais e os profissionais da equipe, criando um ambiente de confiança mútua e acolhedor. A entrega de lembranças personalizadas durante os encontros reforçou o pertencimento ao grupo e valorizou a participação ativa das famílias, que passaram a demonstrar maior envolvimento nas práticas educativas e terapêuticas oferecidas pela APAE.

A escuta ativa e o diálogo com os cuidadores possibilitaram um olhar mais sensível sobre os desafios enfrentados por muitas famílias, revelando contextos de sobrecarga emocional, insegurança diante das demandas do desenvolvimento infantil e solidão no exercício da parentalidade. Ao oferecer um espaço seguro de troca e apoio, foi possível perceber que mais do que orientações técnicas, essas famílias necessitam de empatia, presença e suporte contínuo. A relevância do cuidado com a saúde mental dos responsáveis também foi destacada, considerando que o bem-estar emocional dos adultos impacta diretamente na qualidade da relação com a criança. Os relatos dos participantes evidenciaram um fortalecimento dos laços de solidariedade, criando uma rede de apoio real e significativa.

Diante disso, torna-se evidente a importância de manter e expandir iniciativas como essa para além do programa de estimulação precoce, buscando estender futuramente, o

Grupo Fortalecendo Vínculos para familiares e cuidadores de alunos adultos incluindo jovens e idosos, afim de promover um ambiente humanizado, inclusivo e comprometido com o bem-estar e suporte psicossocial daqueles que cuidam e que muitas vezes acabam sendo deixados de lado. Por fim, compreendemos que além da estimulação e das estratégias de atendimento, um olhar de cuidado fortalece a autoestima, autoconfiança, promove relações mais humanas, empáticas e sem julgamentos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, 2010.

APAE BRASIL. *O que são as APAES*. APAE Brasil, 2004. Disponível em: <https://www.apaes.org.br/boa-esperanca/institucional/quem-somos>. Acesso em: 04 mar. 2025.

APAEES. *Inclua-se: conviver com a diversidade é um privilégio: relatório anual de atividades*. 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/204818314-Inclua-se-conviver-com-a-diversidade-e-um-privilegio-relatorio-anual-de-atividades.html>. Acesso em: 04 mar. 2025.

BLEGER, José. *Grupos: uma introdução à psicologia grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

CHIARADIA, Anna Paola Xavier; BARBOSA, Claudia Waltrick Machado. *Arteterapia como objeto de escuta terapêutica: vivenciando junto às mães de crianças com deficiência na APAE e AEE*. 2018. Trabalho acadêmico.

JUNIOR, Leandro José Clemente; FERREIRA, Maiza Visani; OLIVEIRA HANSEN, Adriana de. Importância das APAE: uma pesquisa sobre a qualidade dos serviços oferecidos pela APAE Cantinho do Céu. *Revista Profissão Docente*, v. 16, n. 34, 2016.

MARX, Djenifer Samantha; FREGONESI, Carolina Teles; OLIVEIRA, Milena Amaral. O trabalho da psicologia dentro da APAE: caminhos possíveis. *Revista APAE Ciência*, v. 20, n. 2, jul./dez. 2023.

MIRANDA, F. D.; RIBEIRO, E. B. V. Psicologia e inclusão social de alunos com deficiência: a atuação do psicólogo na educação inclusiva. *DOXA: Revista Brasileira de Psicopatologia e Educação*, Araraquara, v. 20, n. 2, p. 133–149, 2018. DOI: 10.30715/doxa.v20i2.11409. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/11409>. Acesso em: 01 abr. 2025.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SALABERRY, Neusa T. Machado. *A APAE educadora: na prática de uma unidade da APAE de Porto Alegre*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVA, Maria Kaline Oliveira et al. Grupo terapêutico com pais e responsáveis de crianças com transtornos globais: relato de experiência. *Cadernos ESP*, v. 16, n. 1, p. 50-56, 2022. Disponível em:

<https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/download/1733/468/10177>.

Acesso em: 22 mar. 2025.

SOUSA, J. M. et al. Efetividade dos grupos terapêuticos na atenção psicossocial: análise à luz do referencial dos fatores terapêuticos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, supl. 1, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Wz3VxKjcnfwCpngp8pCwvFn/?lang=pt>.

Acesso em: 05 mar. 2025.